



Exposição festeja 120 anos da Bolsa

Como parte das festividades pelo aniversário de 120 anos da Bolsa, foi aberta em 23 de agosto a exposição "BM&FBOVESPA nas páginas da História", que mostra a trajetória da bolsa de valores contada nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*. Trinta painéis retratam os principais fatos políticos e econômicos desde que a bolsa foi criada, com o nome de Bolsa Livre de São Paulo.

(Página 4)

Carlos Reis sugere menos intervenção e mais reformas aos candidatos

Carlos Reis comenta em seu artigo "Sem saudades do passado" o início oficial da campanha eleitoral pela televisão, com os candidatos a presidente da República apresentando pouca diferenciação em suas propostas de governo. Se por um lado os dois candidatos mais fortes já tenham reafirmado que darão continuidade às políticas implementadas em 1994 pelo Plano Real e aprimoradas nos últimos anos, Reis observa que tanto

José Serra quanto Dilma Rousseff já revelaram que planejam aumentar a participação do Estado na economia. "Já há algum tempo percebe-se uma forte tendência estatizante por parte dos candidatos e o risco hoje é de se querer fazer uma volta ao passado, com o aumento da ingerência do Estado na economia", diz Reis, que sugere ao vencedor que promova as reformas tributária, política, trabalhista e previdenciária.

(Página 2)

Guilherme Dias quer mais investimentos em infraestrutura

Em entrevista ao *Informativo Sindicor-RJ*, o presidente da Apimec Rio (Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais), Luiz Guilherme Dias, fala de suas expectativas em relação ao

próximo presidente da República, que em sua opinião "deve reduzir os gastos públicos, investir mais em infraestrutura e intervir o mínimo possível no mercado de capitais".

(Página 3)



Guilherme Dias: "Governo deve reduzir gastos, investir em infraestrutura e intervir menos no mercado"

Sem saudades do passado

Carlos Alberto Reis

O mês de agosto marca o início oficial da campanha eleitoral pela televisão, e esses poucos dias de exposição dos candidatos no horário gratuito, além da participação em entrevistas e debates, já revelaram que os três principais pretendentes ao cargo de Presidente da República não apresentam pontos de divergência relevantes em suas propostas de governo. Isto, sem dúvida, é tranquilizador para o mercado e a sociedade brasileira, que esperam do novo mandatário a continuidade de políticas implementadas em 1994 pelo Plano Real, baseadas na disciplina fiscal, câmbio flutuante e metas para a inflação, e aprimoradas ao longo dos anos pelos governos do PSDB e do PT, partidos que novamente lideraram as intenções de voto nas pesquisas.

No entanto, já há algum tempo percebe-se uma forte tendência estatizante por parte dos candidatos e o risco hoje é de se querer fazer uma volta ao passado, com o aumento da ingerência do Estado na economia, influenciado talvez pela crise dos subprimes, que demandou uma interferência pontual e transitória dos governos nas economias de vários países. É preciso que fique claro que a intervenção que vem sendo feita desde setembro de 2008 é uma medida excepcional e como tal não

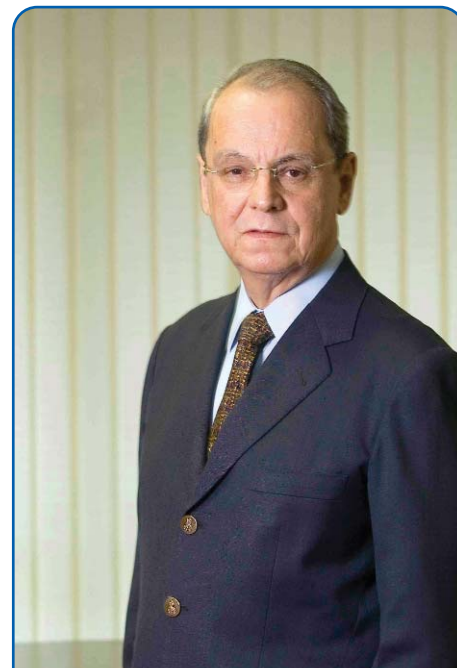
pode tornar-se um recurso a ser utilizado sem critérios.

Para que o mercado continue funcionando e financiando grande parte da atividade econômica, é fundamental que possa atuar livremente, obviamente norteado por normas que, no Brasil, são bastante satisfatórias. No auge da crise, a regulação do mercado brasileiro mostrou-se não só eficiente como até mesmo inspiradora para outros mercados.

Em lugar de aumentar a presença do Estado na economia, o mercado espera que o próximo presidente finalmente conduza as reformas que a nação clama para continuar sua trajetória de crescimento e desenvolvimento econômico e social, a saber, reformas previdenciária, trabalhista e tributária. Esta última é imprescindível para desonerar o setor produtivo, que é penalizado com uma pesada e complexa gama de tributos que engessam a sua expansão.

Outro item que não pode ficar de fora da agenda presidencial é um choque de desburocratização, para que o Brasil ganhe competitividade e possa dar o salto de desenvolvimento que se espera de uma nação com tanto potencial.

Em outubro serão eleitos ainda os governadores e renovados dois terços do senado e as câmaras es-



Carlos Reis: "A intervenção não pode tornar-se um recurso a ser utilizado sem critérios"

taduais e federal, fundamentais para que tanto os governadores quanto o presidente consigam governar com equilíbrio. São notórias as deficiências do modelo eleitoral brasileiro e, para que o país se modernize de fato, será necessária também uma reforma política.

No caso específico do Rio de Janeiro, espera-se que a parceria entre os governos estadual e federal, que tem sido tão auspiciosa nos últimos anos, mantenha-se vigorosa para que o Estado consiga vencer os enormes desafios que terá de enfrentar em setores como segurança, transporte e educação em um horizonte que vai muito além da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016.



Entrevista: Luiz Guilherme Ferreira Dias

“Intervenção mínima do governo no mercado de capitais”

Sócio-Diretor da SABE Consultores, Conselheiro de Administração certificado pelo IBGC e Professor da Fundação Getúlio Vargas, Luiz Guilherme Ferreira Dias está à frente da Apimec Rio (Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais), onde trabalha para levar adiante a missão da entidade, fundada há 40 anos: fomentar o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro, contribuindo para a atualização técnica dos profissionais de investimentos, além de aproximar a comunidade das empresas de capital aberto e entidades representativas do segmento. Associado ao Adizes Institute, foi eleito Analista do Ano pela ABAMEC em 2005 e possuiu formação em Engenharia Elétrica pela PUC-RJ, Pós-graduação em Finanças pelo IBMEC e Mestrado em Economia Empresarial pela UCAM. Nesta entrevista ao **Informativo Sindicor-RJ**, ele fala dos desafios que a fusão e a absorção das corretoras menores por grupos maiores representa para o setor. Luiz Guilherme Dias também manifesta suas expectativas em relação ao próximo presidente da República, que em sua opinião “deve reduzir os gastos públicos, investir mais em infraestrutura e intervir o mínimo possível no mercado de capitais”.

A Apimec Rio e outras instituições preparam profissionais para um mercado cada vez mais exigente e complexo. Mas como estimular a formação e a participação de novos investidores no mercado de capitais brasileiro, ainda pouco significativa?

Através da educação continuada utilizando cursos, palestras técnicas, seminários, congressos e aliando esforços com a BM&FBOVESPA na busca de atingir cinco milhões de novos investidores.

A fusão e absorção das corretoras menores por grupos maiores têm sido uma constante nos últimos anos. De que forma isso impacta o mercado de trabalho para os profissionais da área?

Aumenta a competitividade requerendo maior qualificação técnica por parte dos profissionais de investi-

mento. Convém observar que o fenômeno apontado vem ocorrendo em vários segmentos do mercado.

“As fusões aumentam a competitividade, requerendo mais qualificação dos profissionais de investimento”

O Ibovespa havia encostado nos 72 mil pontos quando a crise da Grécia veio à tona; no momento, atinge cerca de 65 mil pontos e a

volatilidade é grande nos mercados internacionais. Que análise o Sr. faz do mercado brasileiro, levando-se ainda em conta que estamos em um ano eleitoral?

O aumento da volatilidade sinaliza uma expectativa do resultado das eleições no país e da definição das principais economias do mundo. Tanto a nossa bolsa quanto as demais dependem do crescimento da economia mundial ainda com alta incerteza.

Que medidas a Apimec Rio gostaria que o próximo presidente adotasse para estimular o mercado de capitais?

Reduzir os gastos públicos, investir mais em infraestrutura e intervir o mínimo possível no mercado de capitais. O crescimento da economia é o fator mais relevante para o desenvolvimento do mercado.

Exposição conta a história da Bolsa

Foi inaugurada em 23 de agosto a exposição "BM&FBOVESPA nas páginas da História", que mostra a trajetória da bolsa de valores contada nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Trinta painéis retratam os principais fatos políticos e econômicos desde que a bolsa foi criada, com o nome de Bolsa Livre de São Paulo,

por Emílio Rangel Pestana, irmão de Francisco Rangel Pestana que, 15 anos antes lançara o jornal A Província de S. Paulo, que após a Proclamação da República passou a chamar-se O Estado de S. Paulo.

Entre os momentos mais marcantes estão a bolha do Encilhamento e a extinção temporária da Bolsa Livre de São Paulo, a 1ª e a 2ª

Guerras Mundiais, a crise econômica americana de 1929, a crise do petróleo, o pânico de 1987 na Bolsa de Nova York e a crise mundial de 2008.

A exposição poderá ser vista até o dia 29 de outubro, de segunda a sábado, das 10h às 17h. O Espaço BM&FBovespa fica na Rua XV de novembro, 275 - Centro - São Paulo.

Mercado em Ação

↘ O ministro do Trabalho, Carlos Lupi, e seu assessor, Gustavo Brandão Monteiro, receberam no dia 27 de agosto em audiência o presidente do Sindicor-RJ, Carlos Reis, e os diretores Francisco Elias e Joubert Modesto.

↘ A Ancor (Associação Nacional das Corretoras de Valores Câmbio e Mercadorias), sempre atenta às necessidades e interesses de seus associados, obteve uma conquista importante para as corretoras, com a redução das tarifas cobradas pela BM&FBovespa para prestação de seus serviços.

↘ O Edital de Audiência Pública e Minuta de Instrução da CVM, referente às atividades de agentes autônomos de investimento, trouxe várias questões que precisam ser devidamente discutidas pelas partes envolvidas, visando buscar uma regulamentação satisfatória.

Números do Mercado

A seguir, os principais números do mercado de capitais. Fonte: BM&FBovespa

↘ A BM&FBovespa fechou em 67.515 pontos em julho, contra 60.935 pontos em junho, com volume médio de negócios de R\$ 5,385 milhões, frente a R\$ 5,840 milhões no mesmo período. O número de negócios ficou em 6.810.250 em julho, contra 6.808.839 em junho.

↘ A participação dos investidores ficou assim distribuída em julho e junho, respectivamente: 36,2% investidores institucionais ante 35%, 27,6% pessoa física, frente a 26,2%; 27,5% investidores estrangeiros, ante 27,7% no mesmo período; 8,2% instituições financeiras, contra 6,5% e 2,1% empresas, ante 2,0% no mesmo período.

MAIORES ALTAS

(Janeiro a Julho)

- Lojas Renner ON: 52,92%
- Souza Cruz ON: 44,53%
- Natura ON: 31,03
- Embraer ON: 22,30
- Eletropaulo PNB: 20,61

MAIORES BAIXAS

- Brasil Telecom PN: -30,75%
- B2W Varejo: -29,10%
- Fibria ON: -28,52%
- Telemar NL PNA: -25,74%
- Telemar PN: -23,19%

Expediente



Sindicato das Corretoras e Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários do Rio de Janeiro

Presidente: Carlos Alberto Reis (Prime S/A CCV); **Vice-presidente:** Fernando Opitz (Umuarama CTVM S/A); **Tesoureiro:** Marcos Bodin Saint Ange Comnene (Arkhé DTVM); **Suplentes:** Edson Figueiredo Menezes (Banco Prosper) e Francisco de Paula Elias Filho (Egemp G. Patrimonial); **Conselho Fiscal:** Alan Dain Gandelman (Icap DTVM), Mario Celso Coutinho de Sousa Dias (Senso CCVM) e Flavio Snell (Elite CCVM)

Rua Sete de Setembro, 71 / 19º andar - Centro - 20050-005 - Rio de Janeiro / RJ (21) 2507-7171

www.sindicorj.com.br | sindicorj@sindicorj.com.br

Periodicidade: Quadrimestral; **Tiragem:** 1000 exemplares; **Redação e Edição:** Matilde Silveira; **Projeto gráfico e Diagramação:** Bruno Bastos